
Maternidades pretas nos reels, o enfrentamento às imagens de controle e a criação de dissenso: uma análise entre a memória e a sensibilidade¹

Carla Alexsandra Souza²

Universidade Federal do Sudoeste da Bahia, Cachoeira, BA

Resumo

Historicamente conduzidas por homens brancos, as investigações acadêmicas a respeito das maternidades negras ganharam contornos que precisam ser revistos. Essa pesquisa fala sobre amor e cura, mas sem esquecer das agências que as Memórias de dor acionam. Busco, através do Reels intitulado “Minha criança interior sorri quando ouve a corrente do ciclo sendo quebrada” observar através dos conceitos de Performance, como o protagonismo da influencer Andressa Reis e suas crianças consegue estabelecer relação afetiva com seu público e de como a experimentação do amor por corpos negros irrompem com uma lógica social a qual destitui desses corpos possibilidades de cuidado fora das amarras da violência, constituindo o que consideramos por Dissenso.

Palavras-chave: maternidade preta; estudos interseccionais; dissenso; sensibilidade; memória.

Podemos quase iniciar essa conversa nos perguntando se...

é possível mulheres negras que são mães reivindicarem possibilidades de existências que se contraponham aos imagéticos construídos socialmente? E quais movimentos de reivindicações estão sendo feitos por essas mulheres à luz da comunicabilidade? Sobre isso, Patricia Hill Collins à luz dos conceitos de Imagens de Controle, nos mostra que estigmas construídos a partir de um passado escravista e patriarcal, servem como formas de conformação de uma realidade presente de violências múltiplas. A respeito das imagens de controle afro-maternas, por exemplo, têm-se as “mammies, as matriarcas e

¹ Resumo expandido submetido à análise como requisito de aprovação para o GP Estéticas, Políticas do Corpo e Interseccionalidades, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 29 a 31 de agosto de 2023.

² Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal do Sudoeste da Bahia, e-mail: calexsandrasouza@aluno.ufrb.edu.br.

as mães dependentes do Estado” (Collins, p.296, 2019) que aos seus respectivos modos, tentam estabelecer formas de ser e estar no mundo. Essas categorias se encontram no livro *Pensamento Feminista Negro* de Patricia Hill Collins, recentemente traduzido para a população brasileira. Achei por bem trazê-las pois historicamente, nós, mulheres negras fomos/somos colocadas em lugares estigmatizados para que se haja uma manutenção de um sistema de opressões. Sobre isso, Collins afirma que

A vida de mulheres negras consiste em uma série de negociações que visam conciliar as contradições que separam nossas próprias imagens internas de mulheres afro-americanas com nossa objetificação como o Outro. A dificuldade de viver duas vidas, uma para “eles e uma para nós mesmos”, cria uma tensão peculiar, própria da construção de autodefinições independentes em um contexto em que a condição de mulher negra permanece depreciada no cotidiano. (Collins, p.183, 2019)

Contudo, existem movimentos também históricos de contra pressões importantes que acompanham as nossas trajetórias: os de Reivindicações. Nesse sentido, achei pertinente também trazer Jacques Rancière para a minha investigação em seus estudos acerca da Partilha do Sensível. Quando pensamos em imagens de controle e relacionamos ao que é determinado pelo sensível, percebemos que as mulheres negras que são mães, há séculos são forçadas e cristalizadas imagetivamente no lugar da “mammy, da matriarca e da mãe dependente do Estado”. (Collins, p.296, 2019)

De tantos materiais de análise possíveis, escolhi o Reels da Andressa Reis chamado “Minha criança interior sorri quando ouve a corrente do ciclo sendo quebrada” pois me toca num lugar muito particular. Como muitas crianças negras, por ter vivido contextos de disfuncionalidade familiar, posso experienciar as reverberações dessas situações em meu cotidiano. bell hooks, em seu livro, *Tudo Sobre o Amor: Novas Perspectivas* nos diz que boa parte das pessoas são oriundas de famílias disfuncionais nas quais são ensinadas que não são boas o suficiente, são constrangidas, abusadas verbal e/ou fisicamente e negligenciadas emocionalmente (hooks, 2020, p.42), sendo o amor muitas das vezes confundido como violência e vice-versa.

Como possibilidade metodológica predominantemente qualitativa, parto da observação do conteúdo, me atentando para obter informações sobre o tempo de duração, quando foi criado, em qual ambiente foi gravado, quem o compõe, de como as

perguntas e respostas foram construídas e se existiam conexões entre elas. Além disso, a pesquisa acompanha prints da postagem, a quantidade de interações com o número de curtidas e alguns comentários foram selecionados para obtermos a noção de quais discussões se criaram a partir da postagem. Sendo assim, o acionamento das memórias traumáticas e os processos que constituem as curas possíveis, estão para mim, imbricados. Pois ao meu entendimento, não é possível acionar camadas de reivindicações a partir do amor e do zelo como formas de rompimento de ciclos de violências vividas, sem antes ou durante, acionar a existência do que se lembra.

O reels em análise, ocorre um movimento interessante que Jacques Rancière conforma como indício de uma Cena de Dissenso. Angela Marques, compreende que a cena é descrita como uma pequena máquina anti-hierárquica indicadora do que pode interromper determinada perpetuação de certa lógica de inteligibilidade e relação entre elementos singulares/heterogêneos, o que produz descontinuidades na aparição dos corpos, das demandas e existências (2022, p.2). De maneira complementar, Collins chama de Poder da Autodefinição dizendo que

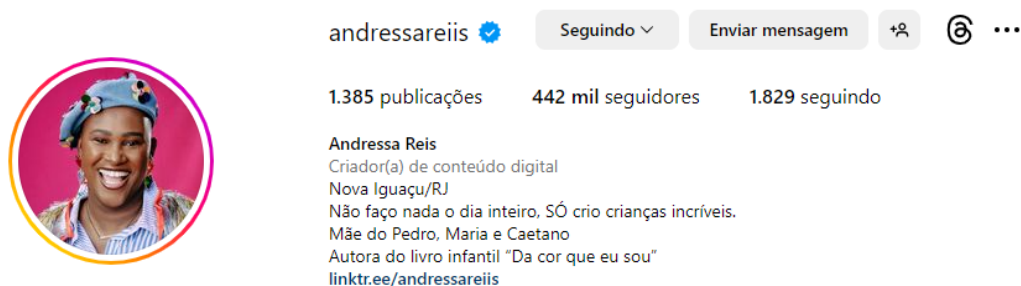
Por outro lado, a maternidade pode ser um espaço no qual as mulheres negras se expressam e descobrem o poder da autodefinição, a importância de valorizar e respeitar a si mesmas, a necessidade de autonomia e independência, assim como a crença no empoderamento da mulher negra... Algumas mulheres veem a maternidade como um fardo que sufoca sua criatividade, explora seu trabalho e as torna cúmplices de sua própria opressão. Para outras, a maternidade promove crescimento pessoal, eleva o status nas comunidades negras e serve de catalisador para o ativismo social. (Collins, p.296, 2019)

O dissenso se estabelece, portanto, a partir/através/simultaneamente a uma memória, partilhada coletivamente entre a influencer e suas seguidoras. Aloco, dessa maneira, o objeto de pesquisa na encruzilhada entre memória e performance por coadunar com a leitura desta categoria enquanto ações permanentemente restauradas como potencialidades de ruptura, o que significa que acolhe, num só tempo, convenções e suas desestabilizações (Filho & Gutmann, p.109 ,2019).

Antes de iniciarmos nossos desdobramentos de pesquisa, me posiciono nesta escrita enquanto pessoa afetada pela performance da Andressa Reis e de suas crianças e que compartilha de acionamentos memoriais comuns e de suas consequências. Isso porquê me toca num lugar muito particular: enquanto mulher negra, nordestina,

bissexual e mãe solo, como muitas crianças negras, coloco essa pesquisa não enquanto estudo do outro, mas de nós mesmas ou como Grada Kilomba diz: “não sou o objeto, sou o sujeito” (2019, p.27)

@andressareis



Print do perfil da @andressareis

Mulher preta, mãe do Pedro, da Maria e do Caetano, carioca de Nova Iguaçu-RJ, influencer e escritora, são alguns dos muitos agenciamentos que o perfil da nossa pesquisada faz. É interessante compreender como de maneira debochada, a Andressa Reis diz em seu perfil que não faz nada o dia inteiro, e que apenas cria crianças incríveis. Posso dizer que essa é a marca registrada dos seus conteúdos que tratam de assuntos profundos, como sobrecarga materna, divisão desigual da parentalidade, a relação da sociedade com as mulheres que são mães, de maneira lúdica e leve. Seja com as crianças, sozinha ou com seu companheiro Sérgio Carolino, não há dúvidas de que a influencer traz à baila discussões importantes e descortina mitos em torno das maternidades negras e de maneira performática, se aloca enquanto primeira pessoa da narrativa se auto definindo e estabelece dissensos.

Os acionamentos de memórias

Cabe dizer que a princípio, essa investigação não tinha pretensões de encruilhar as dimensões Memoriais e Sensíveis. Acontece que as leituras, trocas e reflexões me encaminharam para a noção de que se há o agenciamento de cura, é porque se reconhece uma ferida, que pode estar ou não cicatrizada. E essa noção só se torna possível partindo do acesso às memórias, que como Grada Kilomba diz que “quando produzimos conhecimento (...), nossos discursos incorporam não apenas palavras de luta, mas

também de dor – a dor da opressão” (Kilomba, 2019, p. 59). Nesse contexto, percebo na produção da influencer uma interlocução a qual se partilham saberes, novas possibilidades de amor e que estão atravessadas por essas memórias.

Entre as dores...



andressareis Ah se tivéssemos sido criados mais pela consciência e afeto dos nossos cuidadores do que pelos seus traumas. Provavelmente hoje não precisaríamos nos curar de tantas feridas pra não ferir.

Editado · 34 sem Ver tradução

Print do perfil da @andressareis

Em um dos meus encontros de orientação com a professora Jussara Maia, após falar um pouco sobre a produção deste artigo, expus como era interessante e revigorante perceber que a Andressa Reis se propunha ao rompimento de ciclos adoeceadores e foquei minha observação nessa potência. Como sempre assertiva, ela me perguntou: “Mas você percebe que ela ressignifica a partir da existência de uma memória fantasmagórica?”.

Desde esse momento, não pude mais caminhar sem que ao meu lado estivesse também a Grada Kilomba e sua obra Memórias da Plantação. De tantos trechos importantes, gostaria de mencionar para propor minha análise memorial o de que quando produzimos conhecimento (...), nossos discursos incorporam não apenas palavras de luta, mas também de dor – a dor da opressão (KILOMBA, 2019, p. 59). Gosto de pensar nessa citação, não como forma de conformação da dor, no sentido de romantização ou de essencializá-la. O caminho que vejo sentido em percorrer nessa análise é o de compreender as agências de maneira ampla, levando em consideração o máximo de camadas que as compõem dentro da minha percepção, e é importante considerar a existência da dor no processo de cura.

Uma questão importante para pensarmos é que o Reels da influencer foi publicado em 17 de novembro de 2022, já num contexto de flexibilização das medidas

de segurança que circundou a Pandemia do Covid-19. Quero observar também sob o prisma desse contexto, que em pesquisas recentemente publicadas pelo Disque 100, houve um crescimento de denúncias de abusos contra crianças se comparados os anos de 2021 e 2022. Enquanto foram registrados 118.710 casos no primeiro ano, apenas no primeiro semestre do subsequente, foram notificados cerca de 122.823 casos. O que significa uma média de vinte e oito casos por hora. É importante salientar, que durante a pandemia, por conta da paralisação de atividades presenciais em instituições que comumente ficam responsáveis por mediar essas situações, como as Escolas, ocorreu um processo de subnotificação dos casos de violência. Segundo a UNICEF, com a pandemia do novo coronavírus e as necessárias medidas de isolamento social e confinamento domiciliar, crianças e adolescentes estavam sob risco ainda maior de sofrer violência física, sexual e psicológica.

Aqui encontro espaço para um adentramento importante: a violência tem cor, classe, gênero e outros acionamentos. Digo isso pois, historicamente, famílias inteiras não brancas são vítimas de negligências sociais por serem consideradas desimportantes e, por consequência, suas crianças. Contudo, isso não significa dizer que crianças brancas não sofram desse mal, o que quero salientar é, antes de tudo, necessário levarmos em consideração o que as camadas sociais nos dizem sobre como as pessoas vivenciam suas respectivas infâncias.

Nós, desde muito cedo, podemos experienciar as relações a partir da primeira instituição social que nos é apresentada: a família. Em estudos recentemente divulgados pelo Núcleo Ciência Pela Infância (NCPI), foi constatado que o ambiente doméstico/familiar é ainda responsável por 84% dos casos de violências contra crianças. Perceber que as maternidades podem estar, por exemplo, partilhando desses atravessamentos me aloca nesta investigação com a noção de que a presença ou ausência do amor e de como ele se apresenta é norte possível de compreensão de como essas mulheres pretas podem se autodefinir.



thamirysborsan E eu com o coração
acelerado só de ver o cinto na
direção dela 😭

34 sem 503 curtidas Responder
Ver tradução

Print do perfil da @andressareis

Nesse sentido, quando reflito sobre a potência de rompimento de ciclos de violências vividos na infância da Andressa Reis, considero que se há um movimento de “cura” é mister reconhecer a existência da ferida, da mazela emocional, da dor. Se por um lado, as mães ocupam o ranking das principais violadoras de saúde física e psicológica das infâncias, de outro lado precisamos considerar como a sociedade contribui com sua sobrecarga e seu próprio adoecimento. E aí está um dos insights dessa investigação: pessoas negras têm suas experiências de dor diariamente retroalimentadas pela sociedade. Existem feridas da infância que são de difícil cicatrização por conta dessa exposição diária ao racismo, classismo e misoginia. Se bell hooks defende a cura através do amor, pode esse sentimento ser capaz de carimbar memórias de uma geração?

E os amores

A intenção desse tópico é articular as categorias Memória(s) e Amor(es) na perspectiva de bell hooks. Segundo a autora, é consenso de que antes mesmo de conhecer a linguagem ou a identidade dos cuidadores, os bebês respondem aos estímulos de afeto. A tendência dessa experiência cognitiva é de se complexificar na medida em que as crianças crescem e passam a compreender o mundo de outras maneiras. bell hooks faz alguns movimentos interessantes de consideração do amor enquanto instrumento de cura. Gosto de pensar com ela sobre o fato do mundo de possibilidades que se abrem quando o amor é o meio e o fim de nossas relações - nesse caso familiares:

O amor cura. Quando somos feridos nos espaços onde deveríamos conhecer o amor, é difícil imaginar que o amor realmente tenha o poder de mudar tudo. Não importa o que tenha acontecido em nosso passado: quando abrimos nosso coração para o amor, podemos viver como se tivéssemos nascido de novo, sem esquecer o passado, mas

vendo-o de uma forma nova, deixando que ele viva dentro de nós de uma nova maneira. Seguimos adiante com a percepção renovada de que o que já passou não pode mais nos machucar. Ou ainda: se em nosso passado fomos amados, sabemos que não importa a presença ocasional do sofrimento em nossa vida, pois sempre voltaremos para a calma e a felicidade recordadas. A rememoração atenta nos permite reunir outra vez os pedaços e os cacos de nosso coração. É assim que a cura começa. (hooks, 2020, p.198)

Pelo fato de nós, pessoas negras, termos sido ensinadas que o sentir não era uma opção e que nossos corpos deveriam se restringir às funções mecânicas da sustentação da sociedade, as maternidades negras foram construídas com os atravessamentos que o racismo, machismo e o classismo, operavam (ainda operam). Sendo assim, adultos que quando crianças experienciaram a dor, podem criar possibilidades de cura através das práticas de amor, pois "o poder curativo da mente e do coração está sempre presente porque temos a capacidade de renovar nossos espíritos infinitamente, de restaurar a alma" (Ibdem, 2020, p199). Esse movimento não é uma busca pela romantização das infelicidades como se fossem sinônimos de processos felizes futuros. O que há pra mim é a noção de que os infortúnios não nos definem, mas sim como lidamos a partir e com eles, afinal "escolher crescer é abraçar um amor que cura"(Ibdem)

A escolha da intitulação dos tópicos entre as dores e os amores é uma forma de dizer que histórias que os amores são opções, apesar da existência das memórias dolorosas. Famílias que são atravessadas por disfuncionalidades marcam seus integrantes e é a partir desse reconhecimento que precisamos celebrar rompimento de ciclos de violência e como hooks diz que "nem todas as famílias são disfuncionais". E ao passo que tem sido crucial para a autorrecuperação coletiva que tenhamos exposto e continuemos a expor a disfunção, é igualmente importante revelar e celebrar sua ausência." (Ibdem, p.199) e complementa com a noção do amor enquanto redenção quando diz que o amor redime, apesar de todo o desamor que nos cerca, nada tem sido capaz de bloquear nosso desejo pelo amor, a intensidade do nosso anseio. A compreensão de que o amor redime parece ser um aspecto resiliente do saber do coração. O poder curativo do amor redentor nos atrai e nos convoca em direção à possibilidade de cura. (Ibdem, p.206)

O dissenso se estabelece a partir/através/simultaneamente a uma memória, partilhada coletivamente entre a influencer e suas seguidoras. Aloco, dessa maneira, o objeto de pesquisa na encruzilhada entre memória e performance por coadunar com a leitura desta categoria enquanto ações permanentemente restauradas como potencialidades de ruptura, o que significa que acolhe, num só tempo, convenções e suas desestabilizações (Filho & Gutmann, p.109 ,2019).

Corpos com memória e performance

Nos estudos das Performances, posiciono minha análise no que Jorge Cardoso e Juliana Gutmann chamam de Contexto Comunicativo, pois ele pressupõe o direcionamento do nosso olhar para a cena criada, para o modo como corpos, gestos, falas, cenários e ambientações constituem um espaço-tempo e constroem posições para o "outro" com base nas expectativas e competências previstas sobre a audiência. (Ibdem, p.113) E que, portanto, mais do que uma questão textual que permeia os diálogos do Reels, os corpos que ali se apresentam, performam a suas respectivas possibilidades de existências e que se trata de uma “experiência de sociabilidade” (Cardoso, p. 73, 2013).

Poderia me debruçar na análise sobre o como a Andressa se apresenta no Reels que analisaremos. Poderia me ater à ordem das perguntas, os recortes das cenas e sobre como ela engaja performance em tão curto tempo. Mas é importante reconhecer o protagonismo das crianças que compõem a Cena de Dissenso. Ignorar a comunicabilidade desses corpos, seria pra mim, mais do que erro analítico, seria uma forma de apagamento. Isso porque, esses corpos pretos que interagem entre si em primeiro lugar e com quem assiste, geram uma dupla comunicação, que apesar de muito nos interessar essa última, ela só é possível por conta do que acontece em primeiro plano e simultaneamente.

Segundo Guttman, nós reconhecemos as ambiências digitais como lugares de fluxos e trânsitos de corpos que se articulam e se auto difundem; lugares pelos quais nos colocamos enquanto sujeitos em relação a outros tantos corpos que se oferecem ao consumo, através de videoclipes, stories, paródias, desafios etc (2021, p.19). Sendo

assim, dentro de uma perspectiva analítica à luz da autora, parece-me interessante formular a partir da concepção de performance dos corpos que compõem o Reels estudado.

Se para Butler o gênero é performativo (Gutmann, 2021, p.81) parece-me interessante adicionar as agências que as categorias raça, classe e etária estabelecem socialmente como fronteirização dos sujeitos. Entretanto, há uma complexificação e aprofundamento teórico a respeito dos estudos da Performance dentro da área da Comunicação. Referenciando Paul Zumthor, Gutmann diz que para o autor, performance agrega tempos e lugares, sujeitos e objetos, estabelecendo diversos cruzamentos duplamente temporalizados; envolve a duração da ação, do evento, da interação em si ocorrida no tempo presente, e uma duração diacrônica, social, que tem interferências significativas nos espaços (Ibidem p.83).

Sabemos que está enraizado na psique da sociedade brasileira que nós mulheres negras podemos “amar, alimentar e cuidar dos filhos e das famílias brancas” bem e melhor do que de nós mesmas. O esperado para esses corpos é o desapego e o esfriamento de emoções, pois deveríamos ser puramente laborais e incapazes de sentir e assentar a “não parte” que nos é oferecida. Foi assim há cinco séculos, é assim agora. Nesse sentido, compactuo da noção de que performance baila com as reiterações mas, não se aplica às noções de ações estáticas e cristalizadas. A potência analítica da performance está, para mim, justamente nas surpresas e nas entrelinhas advindas de suas potências. Para Gutmann,

E se performance constitui sentidos através de práticas repetidas e culturalmente reconhecidas, Schechner compreende que eventos, ações ou comportamentos podem ser examinados como performance justamente porque estão, sempre, em processo. Seriam as disrupções dessas reiterações que nos fazem ver, através da performance, mudanças.(Gutmann, 2021, p.84)

Ainda em Gutmann, existe um movimento analítico interessante a respeito da performance: o fato dela advir de uma memória geracional. Se a noção de performance se imbrica com atos assistidos e repetidos cultural e socialmente, sugere-se portanto a criação de uma memória para a sua manutenção. Quando penso na articulação dessas memórias performáticas familiares vividos por Andressa, coaduno com a novidade que

ela apresenta ao propor uma possibilidade performática do cuidado: o amor. E mais do que de maneira individual, a ação possui essa potência de estabelecer e agenciar relações outras nos olhares dos familiares para com corpos infantis. Assim, a ideia de entrecruzar a Performance como categoria analítica deste trabalho, diz muito mais sobre a possibilidade de observar em qual medida sua postagem pode colaborar e promover reflexões que desestabilizam e possibilitam novas agendas de afeto, pois

A apreensão da performance, como dimensão de análise audiovisual, não pode se reduzir à atuação do performer, a análise de seus movimentos, gestualidades, vestimentas etc., e nem à duração de um determinado vídeo. Em termos materiais, a performance, no audiovisual, não está localizada e restrita à atuação e caracterização de um corpo que aparece na tela, mas nessa forma posta em relação. Está neste lugar que conecta aquele corpo no “aqui e agora” da conexão a outros corpos cravados na tela (pelos comentários, 90 audiovisual em rede curtidas, emojis, compartilhamentos etc.) e a outras audiovisuais e expressões enredadas no processo de produção, circulação e consumo, que articulam memórias e identidades. É essa a dinâmica entendida como processo de incorporação. (Gutmann, 2021, p. 89-90)

Observar, portanto, que não se trata somente da produção de conteúdos de modo a explicitar questões, mas também de criar conexão, relação e produzir discussões contribuindo com a realidade a qual está inserida faz sentido quando associada a feedbacks como o dessa seguidora a seguir:



natali.andrad Esses dias o meu irmão usou o velho "vou chamar o seu pai", para tentar amedrontar a minha filha de 2 anos e meio. Ela prontamente saiu pela casa: papai, papai. ❤️



34 sem 97 curtidas Responder
Ver tradução ***

Print do perfil da @adressareis

Mas como é possível cultivar esse ambiente reconhecido como seguro e amável se os familiares não souberem materializar o amor? Qual tipo de esforço que os cuidadores precisam fazer para irromper com a lógica de criação já que “embora muitas crianças sejam criadas em lares nos quais recebem certo nível de cuidado, talvez o amor não seja constante ou sequer esteja presente”? (HOOKS, p54, 2020). É possível pensarmos em lares de construção de pessoas potentes e funcionais?

Corpos políticos que reivindicam o amor e estabelecem o dissenso

Onde já se viu? Crianças negras sendo cuidadas longe das amarras da violência familiar? Família? Como assim essas crianças podem experienciar dinâmicas de afetos cotidianas com sua própria mãe? Eu poderia dizer que esses questionamentos que ressoam no imagético social de uma sociedade cunhada nos moldes coloniais é coisa de cinco séculos atrás, mas sabemos como essa mesma sociedade se conforma em assistir crianças tão novas trabalhando nos sinais e romantizam com os lábios de meritocracia ainda hoje.

E é nessa contramão proposta por Andressa que Marques(2021) caracteriza como dissenso a cena assume, assim, a forma de uma estrutura de racionalidade sensível, produzindo um modo de apresentação de diferentes objetos, situações e acontecimentos no qual eles se tornam inteligíveis, desviando de consensos já estabelecidos. Preciso aqui retomar e dizer que concordo com o pensamento de bell hooks quando ela diz que “nós aprendemos sobre o amor na infância”. Isso se refere tanto sobre a presença quanto a ausência dele. O amor nos é apresentado ali, conscientemente ou não. Isso porque

Seja nosso lar feliz ou problemático, nossa família funcional ou disfuncional, é essa a primeira escola do amor. Não consigo me lembrar de sequer ter vontade de pedir aos meus pais que definissem o amor. Para a minha mente infantil, o amor era o sentimento bom que você tinha quando seus familiares te tratavam como se você importasse, e você os tratava como se eles importassem. O amor esteve sempre e apenas associado a se sentir bem. (HOOKS, p. 53, 2020)

A potência está nessa virada de chave e na presença do amor. A potência está no fato de mulheres negras que são mães acompanhadas de suas crias, falando sobre si mesmas. E falando sobre o amor. O amor que bell hooks nos ensina. A camada mais profunda pra mim dessa cena de dissenso é a que revela a potência de cura do amor. E isso tudo culmina na possibilidade dos sem parte reivindicarem novas possibilidades de se posicionarem no Sensível. Além disso, adentrar e existir nas mídias digitais produzindo um movimento de publicização estabelece uma situação de tomada da manutenção da fala e da possibilidade da autodefinição. Para Rancière, a partilha do Sensível

É o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um *comum* e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa portanto, ao mesmo tempo, um *comum* partilhado e partes exclusivas. Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividade que determina propriamente a maneira como um *comum* se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha. (Rancière, p.15, 2009)

O Reels, que recebeu 230.842 curtidas, se passa no ambiente doméstico associado a momentos comuns do cotidiano de uma família, isso já poderia criar identificações com quem assiste, e nele participam a mãe e suas duas crianças. Se foi intencional ou se as gravações foram feitas dessa forma por uma questão própria de dinâmica, não há como saber apenas pelos elementos que temos à disposição. Isso requereria uma entrevista com a influencer e não é, por enquanto, necessário ir ao “ateliê” para compreender as intencionalidades neurais da estética do reels, embora não ignore aqui parte desses elementos.

Em cinquenta e dois segundos de produção, há alguns recortes de cenas que parecem se passar em momentos aleatórios do dia e em momentos diferentes, percebe-se, por exemplo, pelas trocas de roupas e lugares que eles estão na casa. Em um momento estão no sofá da sala, outro na rede, outro a criança está no colo da mãe. E é interessante observar que nem sempre a mãe aparece como centro da cena. Em determinadas situações a câmera está focada na criança e no objeto que ela quer mostrar. A ideia central do conteúdo é demonstrar que objetos e expressões que antes eram tidas como instrumentos de punição e ameaça, possuem outros significados para as suas crianças. Cinto, sandália, “palmadas”, são exemplos dos acionamentos que a mãe afro-influencer produz durante o tempo de reels, tendo como possibilidades de respostas as mais variadas.

“Você sabe o que é uma coça?” e após ser respondida com o aceno positivo da criança, completa, “O que é uma coça?” e a resposta ao coçar sua perna “Que eu tô coçando. Essa e outras perguntas compõem o diálogo da mãe e de suas crias (Trecho do Reels no instante 00:11s). As respostas são sempre um elemento surpresa que caminha entre o humor e a literalidade. Quando Andressa Reis se posiciona no desempenho da maternagem das próprias crias, insinuando um rompimento de ciclos de violências pelo

fato dos filhos não identificarem nenhum dos elementos tradicionalmente tidos como instrumentos de punição, cria-se ali algumas desestabilizações que podemos apontar como Cenas de Dissenso.

Além disso, o movimento de publicização e da tomada da oratória estabelece uma situação de tomada da manutenção da fala e da possibilidade da autodefinição. Nota-se em 52s o efetivo dissenso posto que “sujeitos que não eram contados como interlocutores, irrompem e promovem a redistribuição de objetos e o reenquadramento de imagens que constituem o mundo comum já dado” (Marques, p.127. 2013). De modo recorrente, as mães negras são retratadas pelas mídias com agressividade, promiscuidade, robustão e com imagens de ausências sentimentos. A influencer cria dissenso não só ao tomar parte da narrativa sobre maternidades negras corporificando uma performance familiar dela e de suas crianças, como no ato de relacioná-la ao cuidado a partir e através do amor. A partir das considerações delineadas até aqui, e longe de fins conclusivos, aponto nesta investigação, possibilidades de caminhos analíticos para se pensar o Amor inserido na Comunicação, enquanto ferramenta de cura e de instauração de novas ordens de cuidado entre as famílias negras e suas crianças. Se a dor e os traumas são capazes de criar memórias, o amor e a cura também podem reivindicar esse lugar e colaborar para a formação de uma sociedade mais justa e comprometida. Pois como hooks nos diz:

a menos que todos possamos imaginar um mundo em que a família não seja disfuncional, mas um lugar em que o amor exista em abundância, condenaremos a família a ser sempre apenas um lugar de dor. Em famílias funcionais, os indivíduos encaram conflitos, contradições, tempos de infelicidade e sofrimento, assim como nas famílias disfuncionais; a diferença está em como essas questões são confrontadas e resolvidas, em como todos lidam com momentos de crise. Famílias saudáveis resolvem conflitos sem coerção, constrangimento ou violência. Quando coletivamente movermos nossa cultura na direção do amor, poderemos ver essas famílias amorosas mais representadas na mídia. Elas se tornarão mais visíveis em todas as esferas da vida comum. Então, com esperança, ouviremos essas histórias com a mesma intensidade com que temos ouvido narrativas de dor e abuso violentos. Quando isso acontecer, a felicidade visível das famílias funcionais vai se tornar parte de nossa consciência coletiva. (hooks, 2020, p. 199)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 16 jul. 1990.

Cardoso Filho ,Jorge. Anyone can play guitar: dos gestos à experiência com o Radiohead. **Interin (UTP)**, v. 16, p.70-84, 2013.

Cardoso Filho, J. C., e J. F. Gutmann. “Performances Como Expressões Da Experiência estética: Modos De apreensão E Mecanismos Operativos”. *Intexto*, nº 47, agosto de 2019, p. 104-20, doi:10.19132/1807-8583201947.104-120.

Collins, Patricia Hill. Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1ª edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019. 495 p.

Crianças e adolescentes estão mais expostos à violência doméstica durante pandemia. Unicef, 2020. Disponível em:
<<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/criancas-e-adolescentes-estao-mais-e-xpostos-a-violencia-domestica-durante-pandemia>>. Acesso em 8 de julho de 2023.

Gutmann, Juliana Freire, Audiovisual em rede [livro eletrônico] : derivas conceituais / Juliana Freire Gutmann. - Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2021. - (Ensaios; v. 1) 104p.

hooks, bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2020.

Kilomba, Grada. Memórias da Plantação. Episódios de Racismo Cotidiano Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

Marques, Ângela Cristina Salgueiro. Três bases estéticas e comunicacionais da política: cenas de dissenso, criação do comum e modos de resistência In: Revista Contracampo, v. 26, n. 1, ed. abril, ano 2013. Niterói: Contracampo, 2012. Págs: 126 – 145.

Marques, Ângela. Cristina Salgueiro. O método da cena em Jacques Rancière: dissenso,desierarquização e desarranjo. *Galáxia (São Paulo)*, 47, e53828. 2022.

Prevenção de violência contra crianças [livro eletrônico] / Comitê Científico do Núcleo Ciência Pela Infância. – São Paulo : Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, 2023.

Rancière, Jacques. (2009a) A partilha do sensível: estética e política. São Paulo: Editora 34, 2009.

Reis, Andressa. Minha criança interior sorri quando ouve a corrente do ciclo sendo quebrada. Disponível: <<https://www.instagram.com/reel/CIFBSm3g8c3/>>. Acesso em 09 de julho de 2023..